

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

39, Rua do Jardim do Regedor, 41

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO : — Loevensohn — Concertos symphonicos em Lisboa — Notas vagas — Napoleão Vellani — A musica na exposição de 1900 — Noticiario.

E' com o mais subido e sincero pesar que registamos o fallecimento da virtuosa esposa do nosso redactor principal, sr. Ernesto Vieira, a quem n'este momento endereçamos as mais subidas condolencias pelo profundo desgosto porque acaba de passar.

Associando-se á vehemente dôr do erudito artista, que se encontra cruelmente privado da sua companhia de tantos annos, presta-lhe a *Arte Musical* uma homenagem singella, mas de todo o ponto merecida e justa.

A Direcção e Redacção
da
Arte Musical.

LOEVENSOHN

O artista estrangeiro para quem reservamos n'este numero uma modesta mas desinteressada hospedagem, é um joven violoncellista belga, Marix Loevensohn, director da *Association artistique* de Bruxellas e solista dos Concertos Colonne de Paris.

E' um nome quasi desconhecido em Portugal, o que não nos parece razão para que deixe de figurar n'esta nossa galeria de artistas illustres, a par de outros nomes porventura mais dourados. Antes pelo contrario; para dar a esta revista o character edu-

cativo que temos sempre desejado imprimir-lhe, importa tornar conhecidos não só os grandes compositores, mas tambem os executantes mais altamente cotados nos paizes em que a musica tem um cultivo digno.

Devido á gentileza de um dedicado amigo, obtivemos uma valiosa collecção de retratos dos artistas que na Belgica se tem ultimamente evidenciado. D'elles faremos *cadeau* muito gostosamente aos nossos leitores, dando o primeiro lugar, na ordem da publicação, ao esperançoso mancebo, cujo retrato acompanha estas linhas.

Nascido em Courtrai em 31 de março de 1880 e contando portanto pouco mais de 20 annos é, entre os musicos belgas da nova camada, um dos que melhor tem sabido preencher a sua curta, mas brilhante carreira.

Começou a aprender o piano aos seis annos e aos dez o violoncello, esse instrumento de portentosa e nobre sonoridade e de technica arrojada e escabrosa. Dois annos mais tarde entra o pequeno Marix no Conservatorio de Bruxellas, sahindo apoz quatorze mezes com o maximo dos pontos e um primeiro premio por unanimidade.

Oito dias depois estreiava-se o nosso violoncellista em S^t James Hall, em Londres e via o seu talento tão excepcionalmente precoce, applaudido por um numero publico e apregoado pelos 40 jornaes da capital do Reino Unido.

Dois mezes depois ouvia-o o Rei dos Belgas em Aix-les Bains e felicitava-o calorosamente, incitando-o a proseguir sem descanço n'uma carreira tão brihantemente encetada.

Seguiu-se uma série raramente interrompida de viagens ao estrangeiro em que se affirma cada dia mais o prestigio e o merecimento de Marix Loevensohn. Aos 10 annos acompanhou Eduardo Colonne em uma grande *tournee* que este nosso conhecido maestro realisou com a sua orchestra, percorrendo Londres, Bruxellas, Paris, Lille, Gand, Liège, Amsterdam, Anvers, Tournai e outras cidades.



LOEVENSOHN

Costuma acompanhar a Patti nas suas digressões artísticas pela Escócia e Irlanda.

Em Inglaterra querem-o muito e não ha um só jornal illustrado, desde o *London News* até ao *Sporting*, que lhe não tenha publicado o retrato e algumas notas biographicas.

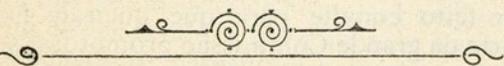
Um dos seus titulos de gloria é a funda-

ção da Sociedade Artistica que apesar de organisada com elementos novos, é das mais importantes que existem na Belgica.

Entre os artistas celebres que se tem feito ouvir nas vastas salas d'esta Instituição contam-se nomes como Colonne, Chevillard, Fauré, Paderewski, Musin, Thibaud e outros de não menor calibre.

A esta utilissima Sociedade consagra Loevensohn, apesar dos seus trabalhos e das suas viagens, uma boa parte do seu tempo.

Vagamente nos consta que talvez no proximo inverno tenhamos o prazer de ouvir entre nós este notavel violoncellista; se o nosso hesitante vaticinio se transformar em realidade póde o distincto musico belga confiar que terá o acolhimento que merece a sua elevada estatura artistica.



Concertos symphonicos em Lisboa

Ha bons 70 annos que não temos o prazer de ouvir em Lisboa uma unica série de concertos orchestraes, como as tivemos no bom tempo dos Barbieri, dos Colonne, dos Dalmau, dos Rudorff e de alguns outros.

Como é notorio, as ultimas séries, não tiveram, por circumstancias varias, acolhimento tão benevolo como as primeiras e d'ahi... o desanimo e a descrença. Ora é preciso que nos recordemos que quem se abalançara corajosamente á exploração d'esses Concertos, que evidentemente marcaram um periodo na nossa pequenina historia musical, foram os proprios Professores de Orchestra, reunidos sob a bandeira da antiga *Associação musica 24 de junho* e por tal forma desprendidos de qualquer especulação mercantil, que sempre se consideraram satisfeitos quando não puderam colher mais que o simples salario do trabalho tão desinteressadamente produzido.

Quem poderá levar a mal aos arrojados professores que tenham desanimado no seu intento civilizador, quando viram que as receitas lhes não chegavam nem para cobrir esses parcos salarios?

E depois, é preciso que se diga, a arte portugueza ha-de ser sempre victima da completa ausencia de protecção official e suppômos mesmo que, sob esse aspecto, não haverá paiz mais infeliz que o nosso.

Na terra onde os cofres publicos estão constantemente escancarados para todas as pretensões e para todos os afilhados. nunca se pensou em destinar umas tristes migalhas em applicação puramente artistica e ai d'aquelle que se aventurasse a esse genero de pretensão. O menos que podia encontrar era um sorriso subtilmente desdenhoso, a querer provar-lhe que os altos poderes não podem occupar-se de taes bagatellas!...

Outra das causas que muito tem concorrido para que caminhemos tão pausadamente é o nosso infeliz *feitio* de desanimados e indolentes. Não temos nem a energia de

proceder desempenadamente nem a constancia de insistir quando o primeiro revez nos vem incommodar.

As palavras, já tradicionaes, que nos occorrem sempre são *Amanhã* e *Paciencia*, duas palavras fataes que, se não tem sido a verdadeira causa da nossa ruina e desprestigio, tem sido pelo menos a origem de muitos dos nossos males.

Essas são, a nosso vêr, as duas causas primordias d'esta apathia artistica em que vamos vejetando.

Quanto á primeira é difficil, ou mesmo impossivel, lutar com ella, visto estar provado á saciedade que das regiões officiaes nada póde vir de salutar para a nossa Arte. E então substitua-se galhardamente essa impossivel protecção para toda a casta de iniciativas, em que cada um de nós ponha o melhor dos seus esforços e dos seus recursos tanto materiaes como intellectuaes.

Não sejam só os homens da especialidade a trabalhar n'esta santa cruzada; esses nem sempre podem arcar com os embaraços puramente materiaes que a cada passo se lhe antolham.

Concorram tambem os homens de dinheiro, esses poucos que sabem abrir a bolsa para todas as acções boas, esses poucos que sabem trocar um punhado de ouro pelo nobre prazer de prestar um serviço ao seu paiz.

A esses temos de dirigir o nosso ardente apello e quem sabe? Talvez que o exemplo de um ou dois, mais corajosos, impulsione outros e possamos em breve vêr entrar este pequenino paiz no caminho da prosperidade artistica em que devia estar ha muito tempo lançado.

Não menos difficil de remediar é o segundo grave defeito que tem obstado ao progresso da nossa Arte. E tanto mais difficil quanto é certo que a indole de um povo se não póde modificar com palavras, por muito sinceras e desinteressadas que ellas sejam.

No nosso caso dos Concertos symphonicos, veiu principalmente esse mal de desanimo de uma collectividade que merecia a protecção de toda a gente e que a não teve.

Hoje, que já lá vão 12 annos, não se poderá attenuar esse justo desalento com o bom exemplo dos que queiram pôr ao serviço do bem commum uma parcella da sua actividade e do seu dinheiro?

*

Mas agora reparamos que, para preambulo, excedemos tudo o que a mais enfadonha prolixidade podia ter imaginado; aos poucos leitores que tenham tido a corajosa paciencia de nos acompanhar até aqui pro-

mettemos solemnemente nunca mais nos afastarmos do assumpto principal.

*

Trata-se, é claro, de fazer reviver os Concertos symphonicos em Lisboa, com uma grande orchestra de artistas profissionaes e com um bom maestro, escolhido entre os que, na especialidade, tenham já uma reputação universalmente conhecida.

A ideia partiu de um grupo de entusiastas, que estão envidando todos os esforços para lhe dar uma execução condigna e que, estamos convencidos, farão as cousas bem.

Consta nos mesmo que algumas pessoas *hautement placées* proteccionam calorosamente o projecto e para levantar mais uma pontinha do veu, diremos ainda que já se obteve a plena adherencia da *Associação dos Professores de musica de Lisboa* e se está em *pourparlers* com um dos mais illustres mestres estrangeiros para poder levar a cabo a primeira serie de concertos, nos proximos mezes de Novembro e Dezembro, antes de começar S. Carlos.

O plano que é eminentemente pratico e viavel baseia-se nos seguintes principios, que extractamos do projecto, que temos presente :

Intuitos

Propagar o gosto e o desenvolvimento da boa musica entre nós, por meio de series annuaes de concertos d'orchestra.

Organisar esses concertos dando preferencia aos artistas portuguezes, tanto quanto possivel fôr.

Garantir antecipadamente a esses artistas uma parte da remuneração do seu trabalho.

Dispôr de uma parte dos lucros que resultem d'esses concertos em favor de estabelecimentos de beneficencia.

Commissão

Em vez de se organizar uma *Sociedade* para a exploração d'esta ideia, julgaram os iniciadores mais pratico formar uma grande *Commissão promotora*, composta de um numero indeterminado de pessoas, as quaes se consideram assignantes dos Concertos, mediante o pagamento de 2\$400 réis por cada concerto e tem direito ás localidades equivalentes áquella quantia.

Comité executivo

Os primeiros iniciadores d'este projecto constituem-se para a primeira serie de Concertos em *comité executivo*, distribuindo entre si os trabalhos de gerencia, de organização artistica e da propaganda por meio da imprensa periodica.

A' testa da organização artistica está o

nosso eminente professor Alexandre Rey Colaço, o que é uma sobeja garantia para o bom exito e seriedade do emprehendimento.

Além d'esse nome que por si só representa um optimo agouro, figuram tambem no Comité diversos amadores, commerciantes, jornalistas, etc.

A secção jornalistica do *comité* será confiada aos redactores artisticos dos principais jornaes da capital, aos quaes acaba de ser feito convite para que queiram fazer parte da grande Commissão promotora, sem encargo algum de pagamento.

Lucros

Se os houver, serão divididos em tres partes eguaes, com a seguinte applicação :

- 1.^a — Para estabelecimentos de caridade.
- 2.^a — Para gratificar a orchestra, que como acima dissemos, não tem garantida senão uma parte dos seus salarios.
- 3.^o — Para fundo de reserva que permitta melhorar as condições das futuras series.

*

Para não fatigarmos os leitores, não lhes transcreveremos outros detalhes do Projecto, bastando o que ahí fica dito para se avaliar da extensão e altruismo da ideia e da forma como se pretende pôr em execução.

A's pessoas a quem o assumpto possa interessar e esperemos que sejam muitas, teremos o maior prazer em fornecer n'esta Redacção todos os esclarecimentos que nos requeriam.

NOTAS VAGAS

Cartas a uma Senhora

De Lisboa.

XV

Conhece V. Ex.^a minha veneranda amiga aquella especial familia zoologica que tem o privilegio de hibernar durante longos mezes, exemplares havendo, segundo resam sabios, que podem fazel-o durante longos annos ?...

Pois n'este escuro momento em que lhe escrevo eu quizera — bom Deus — gosar de regalia equal.

Não, não é aprazivel viver quando por toda a parte como que se sente tremer o mundo nos seus eixos e a humanidade nos seus fundamentos.

Guerra na Africa, guerra na Asia, surdos

rumores na Europa. A civilização armando-se não de telescópios ou de alviões mas de espingardas e de metralhadoras, e trazendos-não palavras de consolação e de harmonia, mas de desconfiança e de discordia, e á mesma hora em que os filhos eruditos da erudita Garlandia se reúnem n'uma tão bella e tão assombrosa festa de paz como sem duvida a todos se patenteia a exposição de 1900, nas chancellarias, no mysterio de noites que as ameaças de procella e os prenuncios de vendaval tornam soturnas e sombrias, estudando-se porventura a trama perturbadora e medonhamente emmaranhada de possíveis conflictos e de prováveis embates . .

Na Africa do Sul soltam os derradeiros alentos da sua independencia invejada e infeliz, alguns restos de boers que, n'uma heroicidade tenaz, imaginam, pobres utopistas, segurar na carreira o ímpeto furioso do seu terrível contendor.

Lá longe, na terra estranha dos chins, o perigo amarello avulta em contornos temerosos e agourentos, e a Europa que primeiro lhe mandára missionarios e mercantes manda-lhe agora generaes e soldadesca . .

E esse florido paiz da porcellana e do chá, tão cheio de grandes concepções e de ridiculas fórmas, esse paiz, mestre de povos e espanto dos homens, esse paiz que descreveu um completo e precioso cyclo de historia realisando na vida as mais imprevisitas e extraordinarias cousas; esse paiz que tinha o absoluto direito de se rir de certos aspectos do nosso progresso e de allegadas maravilhas da nossa arte, victima por seu turno dos odios irrationaes de alguns milhares dos seus filhos e dos instinctivos preconceitos da sua raça, dá á Europa o direito de a invadir e de a bater levando aos seus caseas a chacina e a devastação e sublinhando com sangue e com matanças o codigo de novos costumes que pretende impor-lhe.

Triste, triste.

Ah! Que se o seu mandarinato illustre e sabedor se houvesse limitado a convidar os europeus a irem intrigar, a irem *civilisar*, a irem *converter* para fóra dos seus limites e longe das aguas dos seus rios e do terreno dos seus kiosques, não vejo bem com que pretexto e em nome de que principio esses europeus poderiam insistir em ficar, pois que de mais o sabemos todos, a respeito de superioridade temos conversado e quanto a civilização de ha muito estamos edificad-

Mas deixaram-se levar do gosto terrivelmente balbucicante da sangueira e da carnagem, e agora, vós sabeis grande Deus, aonde todos iremos parar . .

E no emtanto no silencio dos seus gabinetes e por toda a extensão da terra alguns visionarios ingenuos entoam hymnos e formulam canções em honra da Paz bemdita, da Paz fecunda, da Paz soberana! Estranhas e singulares contradicções d'este ainda mais singular e estranho ser que se chama — o homem!

Emfim curvemos a cabeça nós os que indefinidamente esperamos e ardentemente cremos, e deixemos que este negro quarto de hora da civilização que tão fundamente vincou o final do seculo, seja um passageiro colapso na marcha ascendente do nosso espirito para mais luz e para mais justiça, para mais amor e para maior Bondade . .

*

E para concluir querida amiga, deixe-me depôr um molho de goivos e perpetuas sobre a sepultura recémfechada de um pobre amigo morto, bom e amado velho cuja cabeça branca tão cheia de nobreza e de distincção por fóra, era por dentro tão rica de altos pensamentos e de formosos sonhos . .

Quasi toda a gente aqui conhecia essa impressiva figura de ancião, erecta e nobre, naturalmente fidalga pelo porte e pelo ar, e aquella palhinha fresca que constantemente lhe pousava ao canto da bocca, parecia um traço a mais para o singularisar e definir.

No seu tempo, o tempo dourado d'esta Lisboa hoje tão incaracteristica e apagada, elle fôra um pouquinho tudo, janota, artista, cantor, musico, actor, homem de sport, e homem de mundo, com uma cultura geral interessante e fina, com gostos delicados e raros, de uma esthesia subtil e de uma elegancia sobria, e com isso elle perfumou a vida e enriqueceu a alma tornando-se querido, fazendo se admirado . .

Organizações d'estas pertencem á ordem decorativa de uma sociedade e fazem sempre falta ao seu modo de ser intimo e até aos seus aspectos externos.

Conformemo-nos porém, por nós e alegremo-nos por elle.

Preencheu o seu dia, deixa o seu nome perpetuado na existencia de tres filhas que inexcedivamente o amaram e dedicadamente para elle viveram sem descanço e sem afrouxamentos, e morre cercado das benções e das lagrimas dos seus, e do respeito e da estima dos alheios, e a piedosa ternura com que lhe teceram a vida e com que lhe suavisaram a morte, florirá n'esta terra portugueza em que passou, amou e luctou, como uma saudade sempre viva e sempre fresca perante a qual todos nós, affectuosos amigos ou simples indifferentes, nos curvaremos recolhidos e edificados, pensando que

se a final é triste morrer, quando ao menos se tem o fim d'este bello velho que se chamou Charles Munró, esse ultimo somno deve de ser particularmente socegado e infinitamente doce...

AFFONSO VARGAS.

GALERIA DOS NOSSOS

Napoleão Vellani



ESTE é estrangeiro pelo nascimento, mas portuguezissimo pelo coração.

Conheço-o ha uma bagatella de 31 annos, isto é, desde que a sorte atirou com elle para as praias lusitanas.

Conheço-lhe as galas do character e os talentos com que em tão largo periodo de tempo, tem sabido este

emerito vocalista conquistar as boas graças de toda a gente.

Ninguém ignora que é a elle que a gloriosa Pacini deve o primeiro arrimo n'essa ampla via do Triumpho, em que todos os bons anjos lhe vão sorrindo.

Mas a Pacini é uma garganta de aço puro, flexivel como uma lamina boa. Quantas, de ferro do mais ruim, não tem sabido elle dominar?

As discipulas de Vellani teem sido tantas que só para ennumerar-as eu precisaria algumas columnas d'este pequeno jornal. São os seus bons astros, os fanaes impereciveis da sua gloria, que lhe hão de illuminar a frente nos momentos angustiosos da velhice. E então terá o doce consolo de vêr que do seu austero sacerdocio alguma cousa ficou de grandioso e bello.

SCHAUNARD.

A Musica na Exposição de 1900

Na lista dos expositores portuguezes deixamos por lapso de mencionar no nosso numero anterior, os seguintes fabricantes: Antonio Duarte Mendes, da Figueira da Foz; Cruz Abrantes, de Villa Nova de Tasem e F. Silverio, de Lisboa, cujas bem acabadas violas já aqui tivemos occasião de elogiar.

Infelizmente quasi todos os artigos musi-

caes que o nosso paiz levou á Exposição não representam uma industria bem definida e pratica que possa aspirar um dia aos beneficios de uma exportação regular.

Graças ás extravagancias de uma pauta aduaneira que no respeitante á industria musical não tem senão contra senso, o unico artigo que aqui se póde fabricar é a guitarra e essa pelo simples motivo de que a não fabricam em nenhum outro paiz, visto ser instrumento nacional.

Além d'isso está na tradição do expositor portuguez preparar especialidades e complicações de factura para os certamens a que concorre, sem se lembrar que, sob o ponto de vista industrial, o que mais conviria expôr era o artigo vendavel e que não servisse sómente para os colleccionadores de raridades.

*

Na quinzena finda hoje deram-se 3 concertos officiaes, r.a sala do Trocadero, sendo o primeiro de orgão, o segundo de musica de camara (quatuor Nadaud) e o ultimo de orchestra, sob a direcção de Taffanel.

Segundo dizem os jornaes parisienses, a collocação d'esta enorme sala do Trocadero é absolutamente inaceitavel para o effeito a que tem sido destinada; a passagem constante dos transways e carros de toda a especie e os gritos da multidão que transita por sob as janellas do vastissimo edificio torna de todo em todo impossivel a apreciação socegada das obras musicaes que alli se devem executar.

E tudo isto aggravado com umas condições acusticas deploraveis!

Deve ser um verdadeiro martyrio não só para os tocadores e ouvintes, mas até para as proprias obras e muito especialmente para os seus auctores.

*

Na mesma quinzena effectuaram-se na Sala d'Audições da Classe 17, as seguintes *matinées* musicaes, mais particularmente consagradas á apreciação dos instrumentos de diversos fabricantes.

Dias:

2. — Inauguração.
3. — Erard.
4. — Pleyel.
5. — Violinista J. Debroux.
5. — Erard.
6. — Pleyel.
8. — Grupo da Ecole Polytechnique.
9. — Pleyel.
10. — Erard.
11. — Gaveau e Silvestre.
12. — Erard.
13. — Pleyel.

*

De 14 a 18 de junho effectuou-se no *Palacio dos Congressos*, o primeiro Congresso internacional da Musica, que foi successivamente presidido por Dubois e d'Indy e teve um exito dos mais completos.

Emittiram-se votos para que : se creasse em todos os Conservatorios uma classe para chefes d'orchestra e directores de musica ; — que se restabeleçam os subsidios a favor das collegiadas e se organise uma classe livre de musica religiosa em todos os conservatorios ; — que os orgãos da imprensa, tanto franceza como estrangeira se combinem na fórma de regulamentar as funções da critica musical.

Além d'isso, o Congresso emittiu o desejo de que se realisasse um melhoramento na construcção do trombone *à pistons* e do metronomo. Reconheceu as vantagens do temperamento e a utilidade de empregar a nota real na escripta da musica. Fixou a composição modelar de uma banda e de uma fanfarra. Pediu que os sons da escala chromatica fossem numerados a partir do *dò* grave de 32 pés. Reclamando a applicação dos decretos que dizem respeito ao diapasão normal, manifestou o desejo de que, nos concursos de bandas, orchestras, etc, se não conferissem premios senao ás Sociedades que se tivessem conformado com o estalão official.

Reconheceu tambem este Congresso por notavel maioria de votos, a necessidade de simplificar a notação usual, por ser illogica e complicada.

Outros assumptos ainda foram confiados a uma commissão, á qual se deram plenos poderes e mesmo um subsidio pecuniario.

E' esta commissão que fixará a data e local do proximo Congresso.

NOTICIARIO

Do Paiz

A exemplo do que fizemos o anno passado iremos dando nota quinzenalmente aos nossos leitores do resultado dos exames finaes no Conservatorio Real de Lisboa.

Eis o que se refere á passada quinzena :

Curso geral de piano

5.º ANNO

(*Discipulas de D. Adelia Henriques*)

Julia Adelaide Dias Henriques.... dist.
Julia Salvação Barreto dist.

(*De D. Amelia A. d'Almeida*)

Laura Adelaide Gomes da Matta.. 9 val.

Duas reprovações.

(*De D. Leonor Lazary*)

Maria Luiza Paz..... 7 val.
Elvira Clotilde Travassos..... dist.
Luiza Isabel Sousa Jordão..... dist.
Maria da Gloria Costa..... dist.

(*De Marcos Garin*)

Amelia C. Ferreira Cidade..... 9 val.
Firmina da Purificação Nery..... 7 val.
Julia Gonçalves Beja..... 9 val.

Curso superior de piano

3.º ANNO

(*De Francisco Bahia*)

Emilia E. Duarte d'Oliveira..... dist.

Curso geral de violoncello

3.º ANNO

David A. Figueiredo Sousa..... dist.

Curso geral de clarinette

5.º ANNO

Domingos Castanho de Mattos... dist.

Curso especial de harmonia

3.º ANNO

Isabel P. da Conceição Martins... 9 val.
Julia M. dos Anjos Carreira 9 val.
Victor L. de Sampaio Antunes... 9 val.

Os restantes exames finaes do curso superior de piano, terão logar nos ultimos dias d'este mez.

*

Conforme já tem sido annunciado nos jornaes diarios, está aberto o concurso, no Conservatorio, para o provimento de dois logares de professores auxiliares da aula de rudimentos, com o ordenado annual de réis 150\$000.

As condições do concurso estão expostas no edificio do Conservatorio.

*

O resultado dos exames na Real Academia de Amadores de Musica, nos dias 5 e 6, são o seguinte :

Rudimentos, 1.ª parte. — Com distincção : D. Luiza Sarah Gonçalves Picão, D. Maria da Piedade de Oliveira Gomes, D. Izabel Maria Torrie de Carvalhaes, D. Maria Emilia Folgosa, D. Laura da Dores Branco Felix, D. Elisa Sá Vianna Conte. Plenamente : Armando Pereira Dias.

Rudimentos, 2.ª parte. — Com distincção :

D. Esther Judith Gonçalves Picão, D. Lydia Esther Sá Vianna Brandão, D. Sophia Emilia Correia de Mesquita, Carlos d'Oliveira Ferreira, Fernando Augusto Ribeiro Cabral, João Maria Quirino. Plenamente : D. Emilia Augusta Martins.

Flauta, 5.^a parte. — Com distincção: Claudio Rinto.

*

Uma das ultimas nomeações que baixou do Ministerio do Reino, foi a do nosso amigo e erudito professor João Evangelista da Cunha e Silva para archivista do Real Theatro de S. Carlos.

*

O distincto pianista portuense Antonio Soller, escreveu, a convite de Charles Matherbe, bibliothecario da opera de Paris, um Hymno dedicado á França o qual vae brevemente figurar na Exposição de autographos, a que já alludimos no numero anterior.

Este trecho que nos dizem ser notavel, como muitas das composições do laureado professor, foi originalmente escripto para banda marcial.

*

O pianista Alfredo Napoleão fixou, ao que parece, a sua residencia no Porto, onde se propoe a dar lições e concertos.

Fazemos votos para que aquellas sejam mais numerosas e sobretudo estes mais corridos, do que o que foram em Lisboa.

Do Estrangeiro

O empresario da Grande Opera de Paris acaba de contratar com os herdeiros de Wagner o *Siegfrid* que será dado n'aquella scena em 1901 e o *Crepusculo dos Leuses* que se cantará dois annos depois.

*

O grande festival Bach terá logar em Berlim em março proximo e durará tres dias. O Conservatorio Real com a sua orchestra e os seus coros á capella, a Academia de Canto e a Orchestra da *Philarmonie* tomarão parte na execucao do programma, com composições sacras e profanas do grande mestre allemão.

*

Foi ha pouco levantado em S. Petersburgo um singello monumento ao compositor Glinka, auctor da opera *La vie pour le Tsar*. Este monumento acha-se no jardim Alexandre, junto ao Almirantado e consiste simplesmente n'um busto de bronze sobre um pedestal de marmore vermelho.

*

Vemos com o maior prazer no nosso collega de Paris, *Le Menestrel*, as mais lisongeiras referencias á *Sociedade artistica de Concertos de Canto*, instituição sabiamente architectada pela sr.^a Condessa de Proença-Velha e levada á pratica pela mesma illustre amadora com a imponencia e brilho que já tivemos occasião de applaudir.

*

Um discipulo de Guilmant, o joven Julio Haelling, de Rouen, deu ultimamente um concerto official de orgão no Trocadero, revelando-se artista de primeira plana e merecendo as mais vivas demonstrações de apreço por parte do publico que enchia aquella vasta sala.

*

As grandes arenas que em França se construíram ha poucos annos para n'ellas se realisarem corridas de toiros, vao sendo transformadas em theatros populares ao ar livre. Ja ha tempos que teve essa feliz sorte a arena de Arles, cabendo agora a vez á de Deuil, perto de Enghien.

Se todas as praças de toiros se transformassem em theatros populares, a arte civilisada daria um grande passo mas havia de ser com a condição de n'esses theatros se não representarem certas peças peiores do que toiradas.

*

Tres cidades do valle do Mosella, Trèves, Coblenz e Saarbruck, associaram-se para realisarem todos os annos uma série de grandiosas festas musicas, debaixo da protecção do principe Frederico de Bade.

Inauguraram se este anno essas festas, que tiveram logar na cidade de Trèves por ser a mais antiga e importante, attrahindo muitos forasteiros. que entusiasmados ouviram as grandes obras symphonicas e coraes dos mais celebres mestres antigos e modernos.

A sala destinada a estas festas foi especialmente construida, em condições differentes do commum. E' de forma rectangular, e o tecto apresenta tres abobadas, sendo a do centro mais elevada do que as lateraes como n'uma igreja de tres naves. A pouco mais de meia altura das naves lateraes, destaca-se uma galeria tambem rectangular, munida de degraus. A sala pôde conter duas mil pessoas.

A orchestra é tambem disposta por uma forma nova, affectando os instrumentos de cordas as duas linhas de um V, cujo vertice se dirige para o auditorio ; os instrumentos de vento occupam a abertura do V, e os coros collocam-se aos lados.